

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FaE
FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE EDUCADORES INDÍGENAS – FIEI

Da Pedra do Nego ao Bugigão

UM MAPEAMENTO DAS PRAIAS DA TERRA INDÍGENA BARRA VELHA (BA)

BELO HORIZONTE – MG

2021

Aranã da Conceição Ferreira

Da Pedra do Nego ao Bugigão: um mapeamento das praias da Terra Indígena
Barra Velha (BA)

Monografia apresentada ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Ciências Sociais e Humanidades.

Orientador: Pedro Rocha

BELO HORIZONTE – MG

2021

Dedico este trabalho a todos e todas que contribuíram com essa pesquisa. Aos anciões do povo Pataxó e à minha família, em especial, à minha esposa, Kaline Braz Cunha.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por essa oportunidade, por ter me dado sabedoria nos meus estudos e saúde pra chegar até aqui.

Aos meus pais, Arnilton da Conceição Ferreira e Edileuza Santana da Conceição, que em todos os momentos estiveram do meu lado me ajudando, me incentivando, sempre me dando o melhor para que eu conseguisse alcançar meus objetivos.

À minha esposa, Kaline Braz Cunha, por ter me ajudado muito no decorrer do meu trabalho, e por ter me incentivado sempre.

A toda minha família, tias, tios, irmãos, avós que me ajudaram e contribuíram neste trabalho.

Agradeço aos professores e bolsista que sempre estiveram ali para o que precisássemos, e também, ao meu orientador, Pedro Rocha, que me ajudou muito durante a realização desse trabalho.

Finalmente, agradeço aos meus colegas que conheci durante essa jornada de estudo, que, de certa forma, também contribuíram no decorrer dessa caminhada.

RESUMO:

Neste trabalho falarei sobre as praias da Terra Indígena (TI) Barra Velha, localizada no extremo sul da Bahia, município de Porto Seguro, e habitada pelo povo Pataxó, do qual eu faço parte. Na minha pesquisa busquei registrar as memórias dos nossos mais velhos inscrita nos lugares nomeados ao longo do trecho de praias da TI. Com essa forma de mapeamento, citando os nomes dos lugares e suas histórias, quero chamar atenção para o quanto a praia é importante para o povo Pataxó. Em outras palavras, através da pesquisa sobre os lugares, tentarei expor um pouco dessa conexão do nosso povo com a praia.

Palavras-chave: Pataxó, Barra Velha, mapeamento, território, memória.

Sumário

| | |
|---|----|
| Palavras iniciais | 6 |
| Sobre o autor e o trabalho | 8 |
| Os Pataxó e a Praia..... | 10 |
| Sobre o trabalho | 14 |
| DESCRIÇÃO GERAL DAS PRAIAS | 18 |
| PEDRA DO NEGO/PRAIA DO LENÇOL | 19 |
| BARREIRA BRANCA..... | 21 |
| PEDRA DA LALAIA..... | 23 |
| PRAIA DO CALUGI..... | 24 |
| PORTO DA CANOA..... | 26 |
| PISTOLO SUL | 30 |
| PRAIA DA PEDRA GRANDE | 31 |
| UMA BREVE PARADA PARA APRECIAR A PAISAGEM | 32 |
| BURACO DO AVIÃO..... | 33 |
| COQUEIRO..... | 34 |
| BAGUEIRA DE CIMA E BAGUEIRA DE BAIXO..... | 35 |
| CAMBOA | 35 |
| JOÃO CARREIRO OU BARRANCO | 36 |
| BUGIGÃO | 36 |
| Conclusão..... | 39 |

Palavras iniciais

O ano de 2020 foi atípico para todo o mundo. O planeta praticamente parou, as coisas em geral ficaram mais difíceis de conseguir, desde o alimento até o trabalho que serve como fonte de renda para sustentar a família. Eu posso estar enganado, mas, acredito que as pessoas que têm uma boa condição financeira não passaram por necessidades, ou, pelo menos, não da mesma forma que uma pessoa de menor condição.

Antes de entrar no meu trabalho, falarei aqui um pouco de como a pandemia impactou nas comunidades indígenas, e de como o povo pataxó se virou nesse tempo de coisas novas. Os povos indígenas são muitos e, conseqüentemente, as comunidades indígenas também são muitas, mas, nesse pequeno, texto falarei apenas da minha comunidade, ou melhor dizendo, da minha aldeia e das demais aldeias circunvizinhas, que são elas Barra Velha, Pará, Bugigão e Xandó.

Como será visto nesse trabalho, grande parte das famílias dessas comunidades vivem do turismo, que é bem frequente na região, alguns vendendo artesanato, outros fazendo passeios, trabalhando em pousadas, outros usando a cultura para buscar o sustento, cada um do seu jeito.

Como sabemos, com a pandemia do coronavírus, o mundo parou. Houve isolamento das aldeias, trancaram os acessos as cidades, com exceção dos donos de mercearias, que precisavam trazer o arroz, o feijão para a aldeia, e também dos casos de saúde. Esse isolamento, contudo, não foi o bastante, e o vírus nos alcançou. Houve um grande número de casos do covid nas comunidades, mas graças ao bom pai tupã e às nossas ervas, até o presente momento esse vírus maldito não fez vítimas dentro da nossa aldeia.

As comunidades que eu citei estão localizadas entre dois polos turísticos, Corumbau e Caraíva. Estes lugares são muito procurados por turistas, porém, nesse meio tempo, não houve entrada de turistas nesses locais, devido a propagação do vírus, e como não havia turistas as famílias tiveram que dar um jeito de conseguir o alimento. E é nessa parte que mais uma vez a nossa mãe natureza cumpre o seu papel.

Com a escassez do dinheiro, as pessoas tiveram que voltar aos velhos hábitos, às atividades produtivas tradicionais. Não quero aqui dizer que as

peças não faziam mais isso, mas sim que, por conta da pandemia, houve um aumento na quantidade de pessoas realizando essas atividades e também na frequência com que faziam essas atividades.

Alguns dias após o vírus chegar ao Brasil e se espalhar, houve o trancamento das pousadas e dos lugares turísticos. Com isso os indígenas foram para a praia mariscar, outros foram para o mangue, outros foram pescar, usaram de todos os meios para conseguir o sustento, e assim continuou por alguns meses, até que enfim as coisas estão voltando ao normal, o turismo voltou, o trabalho voltou, e aqui estamos firmes na luta.

Mas como algumas pessoas falam, todo acontecimento, toda coisa tem seu lado bom e seu lado ruim, a pandemia apesar de tudo teve o seu lado bom, pois nos indígenas estávamos acostumados a conseguir o alimento de uma forma mais “fácil” e com isso acabamos deixando de lado o nosso conhecimento tradicional, a pandemia fez com que resgatássemos isso, mais que isso fez com que esses conhecimentos fossem colocados em prática pelas famílias da aldeia. Isso possibilitou também a passagem desse conhecimento para os mais novos, pois, pais, filhos, mães, todos trabalharam juntos. Então, muitas vezes até sem perceber, em um simples comentário feito ao filho um aprendizado é passado, e permanecerá com ele por todo resto da vida.

Isso não deveria ter sido feito apenas por conta da pandemia, isso deveria ser feito com mais frequência, nos dias normais. O bom seria que esses momentos de família continuassem a acontecer com a frequência que estavam acontecendo, porque isso possibilita uma melhor transmissão de conhecimento. A pandemia também nos fez perceber a grande autonomia que nosso território nos dá, e que isso deveria ser mantido, pois além da comida retirada ser saborosa, é, com certeza, mais saudável para todos nós.

O aumento dessas atividades fez com que eu me incentivasse ainda mais na realização desse trabalho, dizer o quanto a praia é importante para nós, dizer o quanto ela conosco contribui, o quanto ela pode nos dar. Basta apenas usar com sabedoria, para não agredir demais a mãe natureza e acabar extinguindo esses recursos que foram oferecidos para nós. Cuidando, teremos por muitos e muitos e muitos anos.

Deixo aqui o meu pesar pelas mais de 1000 mortes de indígenas que esse vírus causou, pelas grandes lideranças que partiram. Elas se foram, mais os seus legados não morreram, e a resistência continua aqui. Firme e forte na luta pelos nossos direitos, o direito dos povos indígenas.

Sobre o autor e o trabalho

Me chamo Aranã da Conceição Ferreira, tenho 21 anos e agora vou contar um pouco da minha história.

Logo após o meu nascimento no ano de 1997 meu pai e minha mãe saíram da aldeia para morarmos numa fazenda chamada Barra do Cahy, o motivo pelo qual saímos foi por conta de que meu pai arrumou trabalho nessa fazenda, então fomos morar lá para ficar mais próximo do trabalho dele. Então por conta disso passei boa parte da minha infância fora da aldeia, apenas visitando os parentes em algumas datas do ano.

Como minha infância foi praticamente toda fora da aldeia naturalmente a primeira escola que estudei foi não indígena, essa escola se localiza até hoje num povoado chamado de Veleiro, e o nome da escola na época era: Escola Municipal Santa Rita de Cássia.

Quanto aos amigos, os coleguinhas com quem estudei eu não mantenho contato e já faz um bom tempo que não os vejo, nem sei se ainda os conheceria se os visse. Mas isso também tem muito tempo e eu era apenas uma criança é um pouco difícil lembrar de coisas daquela época.

Continuando, eu fui e voltei dois períodos nessa escola, primeiro iniciei os estudos lá e quando estava na terceira série retornei à aldeia onde fiquei por mais ou menos um ano, e depois novamente por conta do trabalho do meu pai saímos da aldeia, e novamente eu estudei na escola citada acima, ficamos por mais ou menos um ano e meio fora da comunidade, depois disso retornamos a aldeia onde mantenho residência até hoje, que é a aldeia Pará, extensão barra velha.

Após meu último retorno não morei mais fora do território e terminei o ensino médio e fundamental II na aldeia.

Durante meu tempo de estudos, antes da faculdade, me lembro muito bem que nunca fui reprovado, e sempre me destaquei na minha turma. Se

chegarem a perguntar aos meus mestres, eles, com certeza, iriam confirmar isso.

Quando era tempo de provas (avaliação) eu tinha o hábito de não estudar para fazer a prova, mas sempre me saia bem, com boas notas, isso porque os professores explicavam muito bem os assuntos e eu prestava bastante atenção, com isso no dia da avaliação ficava bem mais fácil fazê-la.

Como eu disse antes, fui um aluno que sempre me destaquei na sala de aula. As dificuldades raramente aconteciam, mas quando aconteciam eu superava isso rápido, e, como tive bons professores, ficava melhor ainda.

Acho que todos nós temos uma disciplina favorita em que nos destacamos mais. No meu caso posso dizer isso da matemática. Sempre me destaquei nessa disciplina, desde o fundamental, e, por gostar de matemática, quando o professor perguntava na sala o que queríamos ser no futuro, eu logo dizia: “eu quero ser engenheiro”. Tive a oportunidade de realizar esse sonho no início do ano de 2018, mas, por alguns motivos, isso não foi possível.

Ainda hoje lembro nomes de alguns professores por exemplo, quando comecei a estudar na aldeia Barra Velha meu primeiro professor foi Givaldo, esse dava aula de todas as disciplinas: matemática, português, geografia etc.

Teve também os professores de matemática que foram mudando de acordo eu ia mudando de série, primeiro: Arivaldo, segundo: Monteiro, terceiro: Everton, que inclusive é supervisor desse trabalho que estou fazendo. Todos eles excelentes professores.

Quanto aos professores de português tive: Kaiones, Moema, Ednajara e mais alguns que não me lembro no momento. Todos bons professores também.

Da língua materna (patxohã) tive como professores o Humberto, o Alex e o Akerlã. São muitos professores que tive, os citados acima são apenas alguns deles. Com ajuda dos professores, consegui absorver boa parte dos assuntos que me foram passados, mas, com o tempo, vamos nos esquecendo aos poucos. Mas basta tocar no assunto que aquilo vem voltando novamente, ativa a memória trazendo aquilo bem lá do fundo, um pouco como os lugares que vou descrever atuam nas cabeças dos moradores do território.

Teve um tempo na escola onde trabalhamos a matemática em si e a matemática tradicional do nosso povo, a relação entre elas e outras coisas. Foi bem proveitosa as aulas, aprendemos e pudemos entender várias coisas, como, por exemplo, a quantos metros se refere uma "braçada ". Para o povo Pataxó, essa medida equivale à 2 metros.

Atualmente estamos em processo de revitalização da nossa língua materna, na aldeia a língua predominante é o português, falamos na língua diariamente apenas algumas coisas, como por exemplo os cumprimentos de bom dia, boa tarde, boa noite, beleza etc.

Mas isso com as pessoas que se envolvem mais com a cultura na aldeia, com eles fica mais fácil a comunicação na comunidade

Os Pataxó e a Praia

Desde muito tempo atrás nós, que fazemos parte do povo Pataxó, temos forte relação com o mar e com tudo que dele faz parte: pedras, praias, pontos específicos no decorrer do litoral. Até mesmo antes de ser aldeado, quando o povo ainda era nômade e não ficava muito tempo em um determinado lugar, a área de predominância era próxima ao litoral. Eles podiam até se afastar um pouco, mas sempre retornavam, para ficar mais próximos à praia. Então, para falar dessa relação com a praia e com o litoral, podemos começar falando da origem do nome “pataxó”, e do seu significado.

Há relatos em livros escritos por autores Pataxó, e também nas histórias dos nossos anciões, sobre a origem do nome do nosso povo. Nesses relatos os nossos antepassados saíam de onde eles estavam e se dirigiam até o litoral, onde iam mariscar nas pedras, local que é mais fácil adquirir alimentos, porque, possui mais fartura de mariscos pra ser encontrados. Ali, com cada um fazendo sua parte, algo chamou a atenção dos que ali estavam presentes. Eles pararam e prestaram atenção no barulho do mar, ou melhor dizendo, no barulho que as ondas do mar faziam ao se chocar contra as pedras do litoral. Eles observaram que as ondas, ao bater nas pedras, faziam um barulho semelhante à “pata”, e quando a água retornava ao mar fazia “xó”. Juntando as partes, ficou “pataxó”. Daí originou-se o nome do nosso povo Pataxó, cujo significado é “banho nas águas”.

A partir dessa história podemos ter um pouco da noção do quão importante é e a forte ligação que possuímos com as praias do nosso território.

Nós, da TI BARRA VELHA, temos aproximadamente 12 km de litoral, onde boa parte desse trajeto possui pedras onde podemos adquirir vários mariscos, como por exemplo, ouriços, Rita Pedra, lagosta, e várias espécies de peixe. Já é tradição as crianças e adolescentes da aldeia irem pescar, mergulhar, tirar ouriço. Para alguns isso é diversão: ao mesmo tempo que estão ali pegando o alimento estão se divertindo. Enquanto um tá tirando ouriço o outro já está pescando, e assim cada um vai conseguindo seu *mãgute* (comida).

Eu citei os adolescentes e crianças por conta de que são eles que vão mais vezes à praia, mas isso não quer dizer que as pessoas mais velhas não vão também à praia, a questão é que os mais velhos possuem seus trabalhos, afazeres em casa, então isso acaba interferindo e atrapalhando a ida à praia. Mas as vezes as praias lotam de pessoas, quando a maré baixa e coincide com um dia onde as pessoas estão em casa as famílias descem em peso para praia para se divertirem juntos, acredito que seja até uma forma de renovar as forças para continuar a caminhada no dia a dia.

Até mesmo as pessoas, famílias que moram em comunidades mais distantes se dirigem ao litoral para tomar um banho, repor as energias nas águas do mar e é claro aproveitar para comer um delicioso marisco.

Como deve ter ficado bem claro acima das praias saem o alimento para muitas pessoas, mas as praias não ajudam a alimentar as famílias apenas dessa forma, outra maneira que ela nos ajuda é com o turismo. A aldeia Barra Velha está localizada entre dois polos turísticos, sendo eles Caraiva e Corumbau, onde muitos turistas que estão em Caraiva querem ir até Corumbau, ou vice-versa. Onde com o passar dos anos na nossa comunidade se originou o passeio de buggy de um local para o outro, e um dos atrativos desse passeio é a nossa praia, onde paramos tiramos fotos contamos histórias para turistas e assim muitos chefes de famílias da aldeia consegue o seu recurso para manter a sua família, e essa é mais uma forma que o litoral contribui conosco para nos sustentar.

A mãe natureza nos proporciona viver de forma maravilhosa, pois somos privilegiados por morarmos em um lugar como esse, onde tratamos com

respeito, cuidamos com carinho, usufruímos do lugar e das coisas que nos são proporcionadas, mas com consciência, pois sabemos que temos que cuidar, para que gerações futuras possam ter os mesmos privilégios que nos.

Como disse, temos aproximadamente 12km de litoral, cada parte dessa área possui donos diferentes, e cada um cuida de maneira diferente. Não que algumas pessoas deterioram mais o ambiente que outras, quando falo que cuidam de maneira diferente me refiro ao fato de que algumas partes possuem plantação de coqueiro, grama partes essas onde possui pessoas morando perto, mas também temos aquelas partes onde não possui morador e nesses locais predominam a restinga vegetação nativa do lugar.

O fato de cada parte possuir seu dono não significa que ele pode impedir as pessoas de transitarem ou até mesmo pescar, mariscar naquela área. A praia é um patrimônio do nosso povo e todos nós podemos transitar livremente por ela.

Desde muito tempo atrás nós, do povo Pataxó, vivemos nessa faixa de terra, sempre mais próximos ao litoral. Desde do ano 1861 existem relatos de grupos indígenas do tronco linguístico Macro-jê, entre eles o povo Pataxó, vivendo em torno do lugar que é conhecido hoje como Parque Nacional do Monte Pascoal, que, por esta sempre presente nas histórias, é um importante lugar a ser sempre lembrado, seja em trabalhos ou em histórias contadas pelos nossos mais velhos.

A presença dos Pataxó no extremo sul da Bahia parece em relatos desde o século XVI (...) segundo o viajante, toda a costa, desde o rio do Prado era temida pela presença de grupos indígenas que habitavam as matas e rios e pareciam no litoral para trocar cera e outras coisas por produtos manufaturados. (Cardoso e Pinheiro, 2012, p. 27)¹.

Assim como muitos povos no passado, o povo pataxó era nômade que, por estar sempre em movimento, ocupava uma grande faixa do litoral baiano. Sendo assim, o nosso território era bem amplo, e se estendia por quilômetros e mais quilômetros, por toda a costa. Atualmente, apenas uma pequena parte

¹ Cardoso, Thiago Mota; Pinheiro, Maíra Bueno (Orgs.). Aragwaksã: Plano de Gestão Territorial do povo Pataxó de Barra Velha e Águas Belas. Brasília: FUNAI/CGMT/CGETNO/CGGAM, 2012.

desse antigo território permanece em domínio dos Pataxó. Mas, como sabemos que os conceitos de terra e território se diferem, então temos a convicção de que nosso território vai muito além da terra que hoje nos pertence.

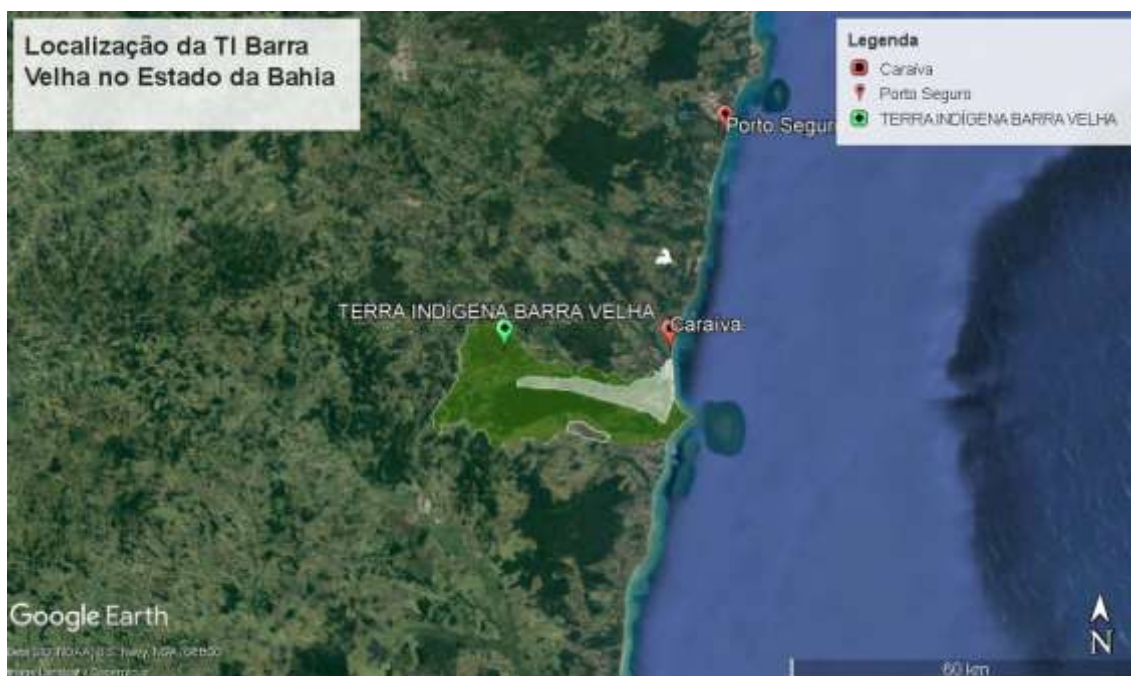


Figura 1: Localização da TI Barra Velha no Estado da Bahia

Conforme falei acima, hoje apenas um pequeno pedaço desse antigo território está nos nossos domínios. Graças ao bom pai tupã, tivemos o privilégio de ter presente nesse território o litoral e, conseqüentemente o mar, que é bastante presente na nossa história. Se temos mar, temos praia, que, só pra constar, são algumas das mais belas da costa do descobrimento.

Nossas praias são raridades, coisas lindas de se ver e, se acrescentarmos o valor simbólico, não tem nem comparação, pois, nessas praias foram onde muitas coisas e histórias aconteceram, onde muitas lembranças do vivido estão gravadas nas memórias dos nossos anciões, dos nossos pais e também de nós, da nova geração. Claro, cada uma lembrança em seu devido tempo.

No ano de 1951 o povo Pataxó sofreu um grande massacre. Após esse acontecimento, o povo foi proibido de usufruir e de cultivar na terra. Foram anos difíceis e de muita luta, até que, finalmente, com muito pelear, conseguimos o direito à terra. Mas, durante esse período em que não se podia

cultivar, onde o povo ia conseguir o alimento? Com certeza, nessa época, a praia foi de grande ajuda para que nossos anciões permanecessem firmes na luta.

Há relatos que antigamente o nosso povo vinha do monte pascoal até a praia para pegar mariscos. É um longo trajeto, saindo do pé da pedra (Monte Pascoal), até chegar ao litoral. Mesmo com a distância eles vinham, vinham pegar o alimento e também sentir a brisa do mar no rosto, para retornarem restaurados ao Monte Pascoal. E, atualmente, não é diferente, os parentes de outras aldeias também vem até o litoral. Porém o que mudou foi o meio de transporte: hoje em dia eles vêm de carro, de moto, mas não deixam de vir.

Sobre o trabalho

No restante deste trabalho, vou apresentar as informações da minha tentativa de mapeamento das praias de Barra Velha. Vindo do NORTE para o SUL, ou seja, de Caraíva para Corumbau as praias são as seguintes:

- PEDRA DO NEGO.
- BARREIRA BRANCA.
- PEDRA DA LALAIA.
- PRAIA DO CALUGI.
- PORTO DA CANOA.
- PISTOLO SUL/PISTOLA.
- PEDRA GRANDE.
- BURACO DO AVIÃO.
- COQUEIRO.
- BAGUEIRA DE CIMA.
- BAGUEIRA DE BAIXO.
- CAMBOA.
- JOÃO CARREIRO /BARRANCO
- BUGIGÃO.

Abaixo, é possível visualizar a localização dessas praias na imagem de satélite do programa Google Earth:

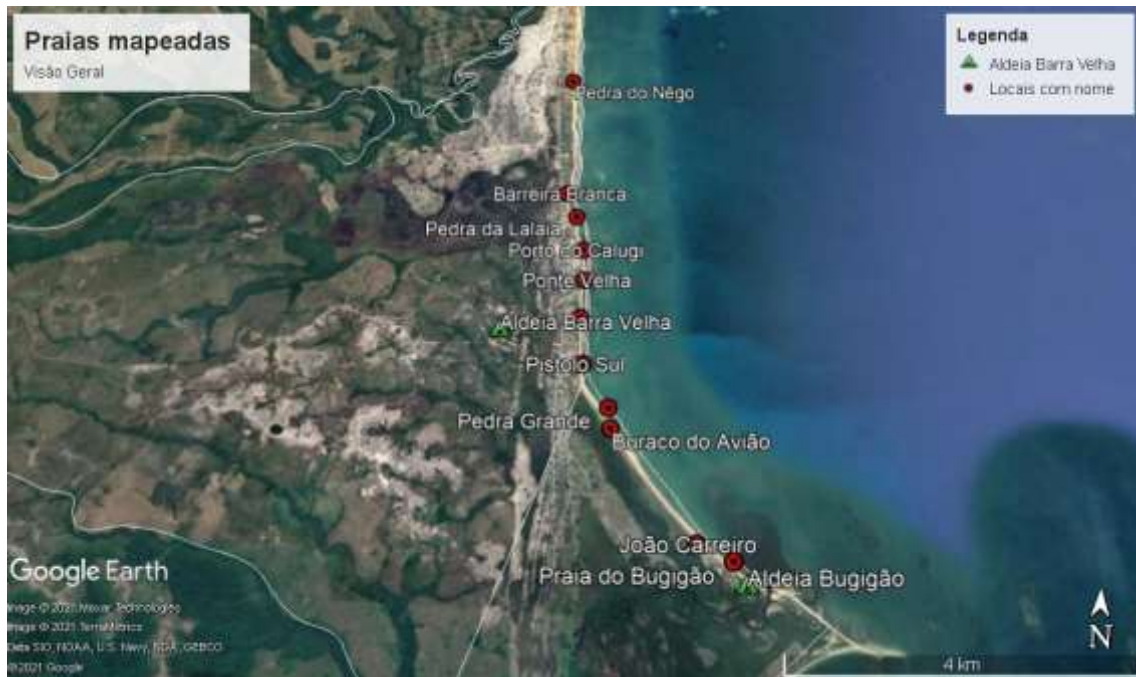


Figura 2: Localização das praias. Visão Geral

Abaixo, seguem também duas imagens em uma escala um pouco mais aproximada:

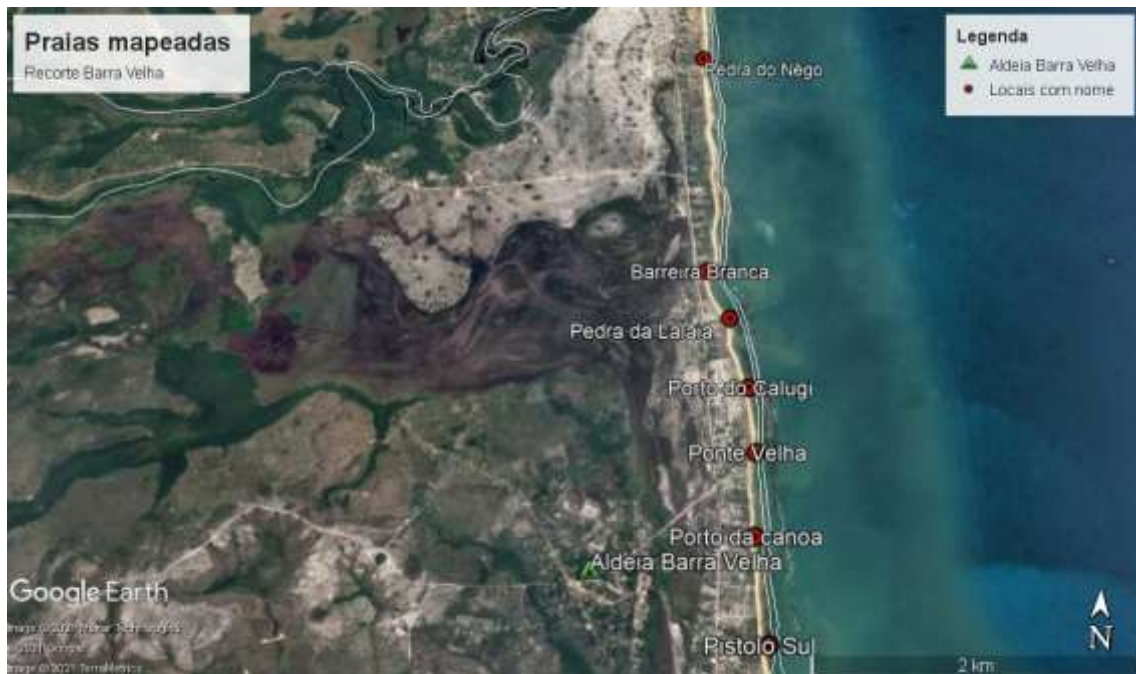


Figura 3: Localização das praias. Recorte Barra Velha.

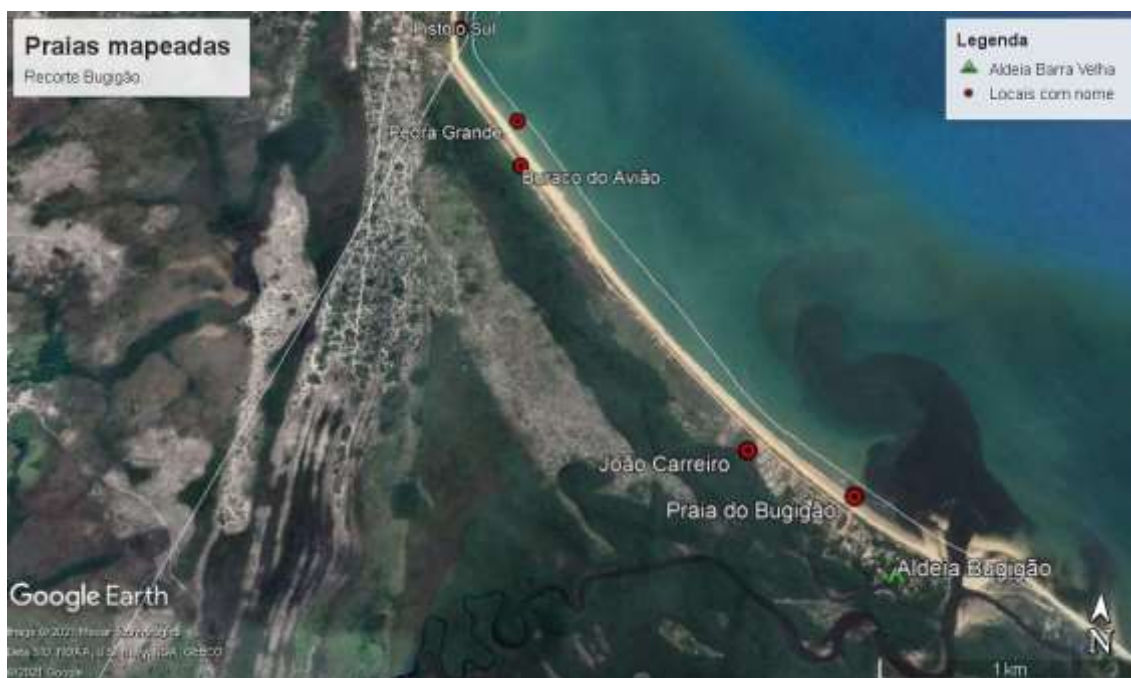


Figura 4: Localização das praias. Recorte Bugigão.

Além das informações que consegui sobre as praias, o trabalho também conta com fotografias de minha autoria, que retratam os lugares descritos. Na descrição dos lugares, escolhi colocar apenas uma fotografia. No final do trabalho, no caderno de imagens, há outras fotografias dos lugares.

Após a descrição dos lugares, apresentarei minhas conclusões finais.

As praias descritas

DESCRIÇÃO GERAL DAS PRAIAS

Ao longo de aproximadamente 12 km de praia temos 14 praias, cada uma delas com característica que se diferem umas das outras. No geral, temos uma enorme faixa de pedra que abrange grande parte dessa costa, conforme podemos ver na imagem abaixo.

Em algumas partes, essa faixa de pedra fica mais distante da praia e, em outras, mais próxima. A mãe natureza é tão maravilhosa que, apesar de ter criado essas pedras, deixou o canal bem certinho para que nossos marinheiros possam entrar com suas embarcações.

Essas pedras servem como uma barreira para quebrar as ondas, proporcionando um bom banho para as pessoas que vão até a praia para se divertir um pouco. Mas, mesmo com essa proteção contra as ondas do mar, quando a maré enche ela não é o bastante, e as águas ficam bastante agitadas. Se mar já se agita onde tem essa barreira natural, imagina onde não tem ela. Onde não existem as pedras, o banho fica um pouco mais complicado, pois são muitas ondas, que chegam com bastante força na praia, o que dificulta pro banhista, de modo que torna-se quase impossível tomar banho com maré alta. As ondas ficam maiores e muito mais forte, apenas alguns se aventuram a entrar na água nessa parte da praia quando a mare está alta. E, se tiver com temporal (vento sul), nem pense em entrar na água! Como a água fica muito agitada, a pessoa corre sério risco de afogamento.

Para as pessoas que não conhecem nossas praias, ao chegar até ela vai ter dois ambientes totalmente distintos com a maré alta e com a maré baixa. Com a maré baixa se encontra uma boa faixa de areia em todo o litoral, em algumas partes com 30 metros, em outras com 50 metros. Isso varia muito segundo a área em que se encontra. Essa faixa de areia proporciona às pessoas ficar sentadas, se deitar sobre a areia, entre várias outras coisas. Com a maré baixa a natureza também nos proporciona piscinas naturais ao longo de toda faixa da praia que possui a barreira de pedra por fora. Com essa maré também é possível ver todo o recife, o que deixa a praia super bonita e boa para banhar.

Nas partes onde não possui o recife por fora a praia também é bonita e, com a maré baixa é possível tomar banho. Porém estes locais são bem mais fundos, e recomendado apenas para os adultos (que saibam nadar, é claro).

Como falei, são dois ambientes totalmente distintos segundo a maré. O motivo é que, com maré alta, a faixa de areia que se vê durante a mare baixa some. A maré sobe muito, jogando as ondas até uma pequena barreira, que é uma marcação natural feita pelas próprias ondas.

Todos esses fenômenos dependem muito do período em que a maré se encontra. As coisas que eu descrevi acima são coisas que acontecem na “maré grande”. Outro período da maré é a “maré morta”, que é um tempo em que a maré nem enche e nem vaza muito, é como se permanecesse parada. Nesse período a praia fica no meio termo, mas, como sempre, muito bonita.

Finalmente, passaremos agora à descrição das praias.

PEDRA DO NEGO/PRAIA DO LENÇOL

Ao sair de Caraíva para Corumbau pela praia, essa é a primeira praia que nos deparamos, “*Praia da Pedra do Nego*” ou “*Praia do Lençol*”. Durante minha pesquisa sobre como surgiu esse nome, deparei-me com duas hipóteses uma delas refere-se ao fato de que nesse local, há décadas, morou um homem que era chamado por esse nome (Nego). Essa é uma das versões conhecidas, e que foi apresentada para mim.

A outra versão que foi me apresentada é a de que décadas atrás assassinaram um homem nesse ponto da praia, um homem negro, e quando encontraram o corpo do homem ele estava enrolado em um lençol. Então originou-se esse nome, “Pedra do Nego”, ou, como era também chamada anos atrás, “Praia do Lençol”.

Essa praia, como já foi dito, é a mais próxima de Caraíva, e é a praia mais longa que temos no nosso litoral. Ela se estende por aproximadamente quilômetros e, por estar mais próxima de Caraíva, é a mais frequentada por pessoas que vem visitar o lugar. Alguns fazem caminhada para conhecerem, outros fazem caminhadas matinais. Se quiserem curtir uma praia mais tranquila, esse é o lugar ideal.

Como o próprio nome já diz, neste local há essa pedra se estende por quase toda praia. Em algumas partes ela falha, mas, logo em seguida, já se inicia novamente. Em algumas partes ela some embaixo d’água, mas sempre está presente. O ponto mais marcante dessa praia é onde há uma parte dessa pedra que dificilmente é coberta pela água do mar, sempre podendo ser vista,

nem que seja apenas uma pequena parte. Quando ela chega a ser coberta é porque o mar não está para brincadeira. No geral, é uma praia muito bonita, possui uma faixa de areia bem larga. Ela é um pouco íngreme, mas isso não atrapalha o caminhar. Assim como as demais praias, quando a maré enche ela muda totalmente, as ondas se agitam e a água sobe bastante, impossibilitando a caminhada pela praia.



Fotografia 1: Praia do Nêgo ou Praia do Lençol

BARREIRA BRANCA

Essa é a segunda praia a ser encontrada ao sair de Caraíva para Corumbau. Esse nome foi dado a esse lugar por conta de uma barreira (falésia) de areia branca que tem nesse lugar, que deixa a praia com uma linda vista. Trata-se de um belo lugar com uma linda paisagem. De todas as praias do nosso litoral, essa talvez seja a mais isolada, porque raramente as pessoas passam por ela. Quando as pessoas vão até lá já é com compromisso marcado, ou então é porque estão indo pescar ou mariscar nas pedras. Esse lugar possui uma barreira de areia branca, e o banho se torna muito difícil até mesmo com a maré baixa, por conta de que nesse lugar a largura da praia é muito estreita, aproximadamente 5 metros. Após isso há alguns metros de pedras e, ao fim disso encontra-se a água, porém em uma boa profundidade, o que dificulta a entrada. Quando a maré enche ela cobre essas pedras, as ondas ficam agitadas e a água chega até o pé da barreira, impossibilitando o banho. Talvez seja por esse motivo que essa praia seja mais tranquila, e isso talvez não seja de todo mal, pois já ouvi algumas pessoas falando que os peixes usam esse lugar para a desova, por se tratar de um lugar mais profundo, e, como não é tão frequentado, se torna o ambiente ideal para a procriação das espécies.



Fotografia 2: Barreira Branca à distância



Fotografia 3: Barreira Branca - Detalhe

PEDRA DA LALAIA

Essa praia está situada entre as praias da Barreira Branca e o Porto do Calugi. Sua paisagem não se difere muito da do Porto do Calugi, o que muda é o nome.

Posso me arriscar a dizer que a PEDRA DA LALÁIA e o porto do Calugi são as praias mais bonitas dentre as demais. A barreira de recifes se faz presente nessa parte da praia e, em todo o trajeto onde essa barreira se faz presente se formam lindas piscinas naturais com a maré baixa. A faixa de areia da praia é bem larga, e nessa parte não há pedras na areia, o que faz dela perfeita para caminhar, correr, jogar bola e se divertir em geral. Ao longo de toda nossa costa, em um belo dia de sol, podemos ver uma linda água azul, com os corais ao fundo. As pessoas gostam muito de mariscar nessa parte da pedra, pois é um local mais propício para encontrar mariscos.

Com a maré cheia essa praia, como as demais, muda bastante. As águas se agitam, mas a praia sempre está sempre bonita.

Durante minhas pesquisas ouvi duas hipóteses sobre o nome da praia da *Pedra da Laláia*. Uma delas é a de que esse nome está ligado a uma antiga família, que morou lá anos e anos atrás, que tinha o nome “Laláia”. Durante a minha pesquisa, minha avó disse que, antigamente, os mais velhos usavam o nome da família para se referir ao lugar (fulano vai lá nos Laláia fazer tal coisa), então, a partir deste uso pode ter se originado esse nome, PEDRA DA LALÁIA.

A outra hipótese que também escutei durante a pesquisa foi a que antigamente o nosso povo andava bastante, mas, sempre voltavam lá nesse local, que era um lugar de limpeza corporal, um lugar que era usado principalmente pelas mulheres, para a limpeza das partes íntimas. Nesse caso o nome LALÁIA estaria ligado à vagina, e a partir disso aí pode ter se originado o nome *Pedra da Laláia*.



Fotografia 4: Pedra da Laláia

PRAIA DO CALUGI

A PRAIA DO CALUGI fica na comunidade da aldeia de Barra Velha. Tem uma extensão de aproximadamente 1 quilômetro. É uma praia calma, com bastante coral, o que a torna uma praia não muito agitada, pois as ondas se quebram nos corais e chegam fracas na praia.

É uma praia onde muitos parentes, nas fases das luas cheia e nova, vão para mariscar sobre os corais, pois nessas luas ela seca bastante, e os corais ficam por mais ou menos 2 horas e meia descobertos. Assim é possível pegar os mariscos que os Pataxós tanto gostam: ouriço, polvo, lagostas... É também um local onde as pessoas pescam bastante, principalmente as crianças, aprendendo com seus pais.

Quando a mare está baixa, neste local se formam algumas piscinas naturais, que são excelentes para crianças.

Essa praia é bastante frequentada por banhistas que visitam a comunidade de Barra Velha. Quando a lua está na fase crescente ou minguante, também fica bom para tomar banho. A maré não seca totalmente,

mas fica bem rasa sobre as pedras, possibilitando tomar banho sem perigo nenhum. Nessas fases da lua, as pedras ficam submersas, então não dá para mariscar. Mas, como foi dito antes, o local fica bem raso, então algumas pessoas pescam ali e, quando a água está limpa, fazem mergulhão nos corais para matarem alguns peixinhos.

Por ser um lugar farto, no que diz respeito aos alimentos, mariscos em geral, este é um lugar que nossos antepassados usufruíam bastante, em busca de seus alimentos. Além disso, a PRAIA ou PEDRA DO CALUGI é um porto onde antigamente os mais velhos faziam cal.

Ao amanhecer, eles saíam com suas canoas à pano (vela), e iam tirar pedra de cal em alto-mar, num local chamado de “mato grosso” (um conjunto de pedras que serve como ponto de referência em alto-mar). Lá nesse lugar eles enchiam as canoas de pedras e retornavam para a costa. Ao chegar à beira da praia, eles descarregavam as canoas e iam empilhando as pedras um pouco mais acima da praia, em um lugar onde, quando a maré enchesse, não jogasse água.

Eles faziam isso dois três dias seguidos, ou então até juntar uma boa quantidade de pedras de cal. Após ter uma boa quantidade de pedras, eles iam para o mato pegar lenha em grande quantidade para fazer a *caêra* (um monte de pau junto), e, depois de feita a *caêra*, tocavam fogo, juntamente com as pedras. Após queimar tudo, eles iam até a beira do mar, pegavam água e jogavam em cima das pedras e, ao fazer isso, as pedras desmanchavam e viravam um pó bem branco. Depois eles esperavam até o próximo dia, quando já estava tudo frio, e vinham com uma peneira para peneirar e deixar tudo bem fino. Após fazerem esses processos, eles voltavam novamente ao mar para pegar mais pedras, até que tivessem bastante cal. Aí era a hora de pôr todo aquele cal nos sacos de panos que tinham, e depois transportavam para as cidades de Caravelas, Alcobaça, Prado. São nomes de alguns moradores que faziam cal: Bertulino, Maria Ruiva, Benedito Ruivo.

Então o motivo do nome de PRAIA DO CALUGI, é porque, antigamente, se fazia cal naquela área. Porém, atualmente, alguns falam que é a PRAIA DE ZÉ BARAIA, porque ele e a família dele moram na área.



Fotografia 5: Praia do Calugi

PORTO DA CANOA

Como as demais praias, essa também é uma praia muito bonita. Nessa parte da praia, a barreira de recife se faz presente. Consequentemente, quando a maré está baixa, aparecem lindas piscinas naturais ao longo de toda praia. Em algumas partes, dependendo da maré, as pedras saem da água e se estendem por toda a praia, e, onde em muitas outras praias é areia, nessa praia é pedra. Por conta disso, as pessoas que não tem costume de caminhar nessa área acabam se machucando, pois, por conta das pedras, se torna muito difícil o trajeto. É difícil para caminhar. Mas essas pedras dão um lindo visual ao lugar!

Mas nem sempre essa praia é assim. Como eu disse antes, depende da maré. Algumas vezes, a quando o mar enche, ele acaba jogando areia sobre as pedras. Com esse fenômeno natural, uma boa parte das pedras são cobertas, sobrando apenas algumas partes das pedras maiores. Quando as pedras estão expostas nessa parte da praia é quando fica mais complicado

passar de buggy, porque pode acontecer de furar ou rasgar um pneu, impossibilitando a continuidade do passeio.

Um pouco mais a frente podemos encontrar a ponte velha, que é um pequeno lugar que fica entre o Porto da Canoa e do Porto do Calugi. Nesse lugar existia uma grande ponte que se adentrava algumas dezenas de metros mar adentro, para que se pudesse pegar embarcações maiores que não podiam ancorar mais próximo a costa. Com o passar dos anos, como esse tipo de transporte foi sendo substituído, pararam de fazer manutenção na ponte e ela foi se acabando. Hoje em dia, avista-se apenas alguns troncos que serviam de alicerces para ponte. A ponte se acabou, mas até hoje é um ponto de referência no nosso litoral.

O PORTO DA CANOA é outro ponto da praia que era bastante frequentado pelos mais velhos. Alguns chegaram a morar também nesse lugar, após se mudarem da Praia do Calugi. Como o próprio nome já diz, PORTO DA CANOA, se deu ao fato de ali ser o ponto onde ficavam ancoradas as embarcações. Embarcações que pertenciam à Luiz Capitão, Palmiro, Tio Antônio, falecidos. Anciões da nossa comunidade.

Nessa época de antigamente, um navio afundou em alto-mar, próximo de onde eles pegavam as pedras de cal. As pessoas entrevistadas disseram que o nome do barco que afundou era *Itaú*, e que a carga desse navio era sal. Dizem que os índios e outros moradores da região, que ia todo mundo pegar os sacos de sal em alto-mar.



Fotografia 6: Porto da Canoa



Fotografia 7: Porto da Canoa



Fotografia 8: Porto da Canoa



Fotografia 9: Ponte Velha

PISTOLO SUL

O percurso de todas as praias é de aproximadamente 12 quilômetros, e essa é a que se localiza mais ou menos na metade desse caminho. Por estar em uma posição bem privilegiada, nos possibilita ver todo o trajeto até a praia do Bugigão (uma bela vista, por sinal).

É nessa praia que se inicia a grande barreira de pedra a que já me referi. Conseqüentemente, por conta dessa barreira, a praia é bem calma e ótima para o banho. Quando a maré baixa, os corais aparecem, e é nesse momento que muitos parentes chegam até esse lugar para mariscar nas pedras. Há moradores nesse ponto da praia, inclusive é o lugar onde eu moro. Mas, outras praias são meio que desertas, mas belas. Ainda citarei dessas praias no decorrer do trabalho.

De todas as praias, esta foi a única que não consegui descobrir a origem do nome. A única hipótese que encontrei foi a de que neste local antigamente morava um homem de apelido “Pistolo”, mas não consegui nenhuma outra informação.



Fotografia 10: Pistolo Sul/Pistola

PRAIA DA PEDRA GRANDE

Como próprio nome já diz, essa parte da praia possui esse nome por conta do fato de ali estar presente uma grande pedra.

Desta praia para o mangue é aproximadamente 200 metros, e a parte dessa pedra que dá pra avistar dentro do mar se encontra a mais ou menos 100 metros da costa. Porém, uma parte dessa pedra está dentro do mangue, ou seja, ela percorre todo o espaço da praia por baixo da terra até deixar visível uma pequena parte dentro do manguezal.



Fotografia 11: Praia da Pedra Grande

UMA BREVE PARADA PARA APRECIAR A PAISAGEM

Buraco do Avião, Coqueiro, Bagueira de cima e de baixo, e João Carreiro, são pontos de referência do manguezal. Nesses pontos da praia não há grandes mudanças. Essa parte da praia tem aproximadamente 4 km de extensão. Tem uma parte mais alta, que é coberta de algumas ramas de plantas chamada salsa (um tipo de semente usado aqui na aldeia pelos Pataxós para produção de colares) e, indo mais acima, já se encontra com o mangue.

Na parte baixa desta faixa de praia é somente areia. Na maré alta é bastante agitada, já na maré baixa é mais calma, porém é uma parte que não apresenta os corais, e isso faz com que esta faixa não tenha muita visita de pessoas para banhar. Mas, por outro lado, quando é maré baixa facilita a caminhada na praia, porque a areia está bem firme as pessoas preferem caminhar pela beirinha. Essas caminhadas acontecem quando os parentes vão para o mangue mariscar, ou então vender colares na vila Corumbau. A vista desta praia é muito linda, pois, já no início dela avistamos a aldeia próxima chamada Bugigão.

BURACO DO AVIÃO

Esse é um ponto de referência do mangue do território barra velha que, por ser muito próximo a praia, acaba sendo também ponto de referência da praia. Pedra Grande e o BURACO DO AVIÃO são bem próximos. E, segundo os moradores, tem esse nome pelo fato de que muitos anos atrás caiu um avião no lugar, que deixou um grande buraco no local. Com o passar dos anos esse buraco vem ficando cada vez mais raso.

Há também outra história que diz que duas moradoras da aldeia Barra Velha vinham do mangue e, ao passar nesse lugar, ouviram um barulho e que, quando olharam pra cima vinha uma coisa que parecia um avião, porém, com partes de pessoas penduradas nele. Em outras palavras, era uma assombração que foi vista no lugar e, por se tratar daquele lugar onde tinha um buraco, surgiu o nome BURACO DO AVIÃO.

Essas foram as duas hipóteses que soube durante a minha pesquisa.

COQUEIRO

Assim como o buraco do avião o coqueiro se trata de um ponto de referência para identificar as partes do mangue, e possui esse nome porque se trata de um pé de coco que se encontra no lugar.



Fotografia 12: Coqueiro

BAGUEIRA DE CIMA E BAGUEIRA DE BAIXO

Assim como Buraco do Avião e Coqueiro, esses dois lugares também são pontos de referência no manguezal da região. São dois lugares bem próximos um do outro, ou melhor dizendo, eles ficam um logo após o outro. Cada um possui suas histórias particulares, porém a história da origem do nome dos lugares é a mesma. Esse nome se originou por conta de que no lugar havia uma planta cujo o nome é BAGA. Essa planta era muito encontrada naquela área há alguns anos. Atualmente, por conta de queimadas e outros fatores naturais, essa planta já não é mais encontrada com tanta frequência, mas o lugar ficou marcado com esse nome por conta disso.

Sobre a BAGA: segundo a pesquisa que fiz, “baga” é um termo usado para nomear uma fruta carnuda que tem polpa, e é na polpa que se encontram as sementes. Em geral, as bagas são comestíveis, como uvas e goiabas. Nessa pesquisa ficou claro que todas as frutas que possuem as características citadas a cima podem ser chamadas por esse nome, mas o objetivo para eu citar isso aqui é para dizer que não é por esse fato que essa planta era chamada por esse nome. Esse nome foi dado pelos mais velhos a essa planta porque ela dava algumas sementes e que, em certa fase do seu desenvolvimento, essas sementes se tornavam pequenas bolas, que eram usadas para pelotar ou estinlingar.

CAMBOA

Camboa é um nome dado a um tipo de pesca que era muito utilizada no passado. Essa parte do mangue foi nomeada com esse nome porque esse tipo de pesca era muito usada neste lugar, que então ficou registrado na memória do povo como CAMBOA.

Camboa é um tipo de pesca artesanal que fecha o riacho. Quando a maré está seca, a pessoa coloca uma rede, deixa ela embolada debaixo da água. Quando o riacho enche ele arriba a rede, aí os peixes vão estar todos presos ali naquela parte do riacho. É preciso cercar dos dois lados, e muitas das vezes o riacho tem um fim dentro do mangue, o “valão” como chamamos aqui. Cercando a boca do riacho, os peixes não têm para onde ir quando a maré está vazando. Esse é o momento de pegar os peixes, rumando o facão e matando eles.

JOÃO CARREIRO OU BARRANCO

Assim é conhecida outra parte do mangue do nosso território. Foram dados esses nomes para servir como referências quando as pessoas iam para o mangue. O local é chamado também de MANGUE DO BARRANCO, por ter na beira do riacho um barranco, de onde as pessoas costumam pescar siri.

BUGIGÃO

No trajeto de Caraíva até Corumbau essa é a última praia que iremos encontrar. É uma praia muito bonita, onde com a mare baixa conseguimos avistar uma faixa de areia de aproximadamente 70 metros. Apesar de nessa parte da praia não ter a barreira de recife para quebrar as ondas, a água fica muito calma e ótima para banhar. Já com a maré alta, o ambiente muda e o mar fica muito brabo, o que impossibilita o banho. Essa praia possui aproximadamente 600 metros de extensão. Apesar de ser bem pequena, essa é umas das praias mais propícias para caminhar, pois possui um grande tapete de areia firme. Nas demais praias, esse tapete de areia não se apresenta, a praia é muito íngreme e fofa, o que dificulta a caminhada.

Nessa praia também iremos encontrar a barra do rio Corumbau. um rio que se estende por quilômetros território acima. Na mare baixa, este local nos proporciona uma bela vista, que encanta os turistas que passeiam nessa região. Após a travessia do rio, a aproximadamente 1 quilômetro, encontraremos o Corumbau, um lindo lugar, muito procurado pelos turistas.

O nome PRAIA DO BUGIGÃO foi dado pelos moradores mais novos do lugar, por conta de que no ali há um buraco onde os marisqueiros pegavam muito bugigão, que é um tipo de marisco do mangue. Esse buraco era chamado “buraco do bugigão e, a partir daí, surgiu o nome BUGIGÃO.

Mas, durante a pesquisa, descobri que esse não é o primeiro nome do lugar. Antigamente os mais velhos chamavam de Corumbau o lugar que hoje em dia é o Bugigão, e o lugar que atualmente é chamado de Corumbau, antigamente era chamado de Pontal. Porém, com o passar dos anos, houve essa mudança nos nomes dos lugares: o Corumbau passou a se chamar Bugigão, e o Pontal passou a se chamar de Corumbau.



Fotografia 13: Bugigão



Fotografia 14: Bugigão

Conclusão

Neste trabalho eu busquei realizar um mapeamento das localizações e dos verdadeiros nomes das praias que pertencem à aldeia Barra Velha. Conversando com os parentes, percebi que esses nomes estão sendo deixados de lado, pelo fato de vir surgindo alguns nomes mais novos com o passar dos anos. Vi então a necessidade de alguma forma registrar e com isso eternizar esses nomes, para que no futuro pudéssemos ter referências concretas de suas origens.

No tempo em que eu estava decidindo meu tema de percurso da faculdade, eu tinha outros temas em mente, como, por exemplo, registrar as memórias da minha avó, Maria Coruja. Mas, como minha irmã, que também estava estudando, tinha esse projeto, deixei para que ela desse andamento a esse trabalho. Foi aí que vi a oportunidade perfeita de poder realizar esse trabalho. No começo foi um pouco difícil e, com o início da pandemia do coronavírus, as coisas se complicaram um pouco mais, pois nossas fontes de pesquisas são nossos mais velhos, e eles faziam e fazem parte do grupo de risco. Porém, um tempo depois, e tomando os devidos cuidados, fui até eles e através de algumas conversas pude registrar esses nomes e suas histórias.

Foi muito gratificante para mim realizar esse trabalho, porque é uma forma de eu contribuir com a minha comunidade e com todo meu povo Pataxó. Porque não importa onde esteja nossos parentes, em outro estado, em cidades ou até mesmo em outros países, é aqui nesse pedaço de chão onde nossas raízes estão, fomos criados nessa terra, é aqui que se encontra a aldeia mãe, todas e todos Pataxó tem um pezinho aqui nesse lugar. Então registrar isso é colaborar com todos.

Através dessa pesquisa pude conhecer novos lugares dentro do meu próprio território, pois, por mais incrível que pareça, apesar do fato de eu ter nascido aqui, há lugares que eu ainda não conheço ou conhecia, e esse trabalho me proporcionou conhecer mais. Poder pisar onde muitos dos meus antepassados pisaram, poder imaginar o que eles ali faziam, sentir a emoção de pisar num pedaço de chão que possui histórias, histórias essas que nos fazem sentir alegria, paz e as vezes também tristeza, pois não são todas as memórias que são alegres. Mas é isso que nos faz pensar, refletir e fortalecer em nós essa força, essa vontade de lutar pela nossa terra, pelo nosso território.

Aqui nesse trabalho busquei registrar esses nomes e suas memórias, pois cada nome desse possui um enorme significado para um povo. Andar pelo território é reviver a memória, os acontecimentos, é reviver o que ali aconteceu. Se estivermos na presença de um ancião, essa experiência se torna ainda melhor, pois eles já presenciaram a viveram muitas coisas. Há lugares em que eles, ao passarem, choram; já em outros, se alegram. O lugar desperta a memória e, conseqüentemente, a emoção. Há também aqueles lugares onde eles evitam passar, pois o que ali aconteceu não traz boas recordações e, como já foi dito antes, pisar naquele chão é relembrar, sentir o que tem ali guardado.

Território para nós é isso, é um ente querido nosso. Nele é onde se encontram as mais antigas memórias. Bom seria se ele pudesse conosco falar diretamente, nos contar tudo em mínimos detalhes... imagina quanta coisa, quanto conhecimento há nele, o quão bom seria! Por outro lado, a memória contida nos lugares de certa forma é um modo do território falar conosco.

Muitos não entendem e criticam o índio, principalmente as pessoas que se dizem governantes e seus seguidores. “Ah, mas pra quê o índio quer terra?”. Eles se perguntam. Porque eles não sabem o valor que a terra tem para nós, pensam que terra é para nós a mesma coisa que é para eles. Não é bem assim, para nós a terra não é uma mercadoria. Nós cuidamos da terra, amamos a terra, para nós terra tem significado, tem história, mas esses desgovernantes não entendem isso e nunca entenderão. Nós somos da terra, nós viemos da terra e para ela retornaremos.

Aproveito nesta conclusão a oportunidade de demonstrar o meu repúdio e total descontentamento com o atual governo. Não nos tratem como se não fossemos nada. Somos nós os donos da terra, somos nós os primeiros brasileiros, nos respeitem, é isso que queremos! Quando os invasores aqui chegaram, os donos da terra já estavam aqui. Quem? Nós Pataxó, Maxakali, Xakriabá, Krenak, Guarani, e todos os povos originários.

“quando Cabral chegou,
Os pataxós ele encontrou,
Lutando e vivendo
Nas graças de tupã
Hoje os pataxós,
Não tem direito em nada
Não tem direito em nada,
Só esperando a chegada
De tupã, e mais nada”.
(trecho de uma música pataxó).

Nytxy awery.

Demarcação já!!!!!!